

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 03

Data: 27/12/79 Pg.: 07

Cacique morto em emboscada na Bahia

Do serviço local e das sucursais

O assassinato do cacique pancararé Ângelo Pereira Xavier — morto com um tiro ontem no povoado de Brejo do Burgo, a 500 quilômetros de Salvador — provocou forte reação nas entidades ligadas à preservação dos índios, como a Comissão Pró-Índio de São Paulo, o Conselho Indigenista Missionário e a seção baiana da Associação Nacional de Apoio ao Índio. Todas responsabilizaram a Funai pelo assassinato, acusando o órgão de omissão.

Em Brasília, a Fundação Nacional do Índio (Funai) ao saber das acusações que lhe eram feitas declarou que as denúncias "eram aéreas, pois o órgão não está aparelhado nem dispõe de recursos para resolver a totalidade dos problemas indígenas". Um dos assessores da Funai afirmou que a morte de Ângelo está ligada a uma luta corporal que teve com um primo, há cerca de um mês. Segundo o mesmo assessor, o pessoal da Universidade da Bahia estaria tentando tirar o assassino da área, para evitar uma vingança por parte da família de Ângelo.

Na Bahia, entretanto, existe uma outra versão. Segundo depoimento prestado por Hermes, filho do cacique, na delegacia de polícia de Paulo Afonso, ele e seu pai estavam indo trabalhar em uma plantação de Brejo do Burgo quando encontraram o pistoleiro Antônio Vieira da Silva, o Antônio de Lino, inimigo do cacique, que levava uma espingarda.

Logo depois, Antônio de Lino saiu da estrada, escondeu-se no mato e, quando Ângelo passava, deu-lhe um tiro que o atingiu na cintura. Hermes, que estava mais à frente, ainda tentou perseguir o criminoso, mas este o ameaçou com a arma e ele desistiu voltando para socorrer o pai.

Foi então para o Brejo do Burgo, levando consigo o cacique — que já estava morto — e em seguida, para Paulo Afonso, onde denunciou o fato à polícia. O delegado regional de Paulo Afonso, Antônio Martins Gonçalves, acha que o assassinato foi motivado por uma antiga rixa entre o cacique e o criminoso.

O cacique Ângelo Pereira Xavier era pai de sete filhos e chefiava, aproximadamente, 1.050 índios pancararés, mil dos quais localizados no povoado de Brejo do Burgo, ali agrupados depois de constantes expulsões, após ocuparem, desde o século XVII, uma vasta área da região. Das pressões dos comerciantes, nos séculos passados, os indígenas passaram, neste século, a enfrentar a chegada de outros brancos, perdendo, paulatinamente, quase todas as suas terras.

De acordo com o antropólogo Pedro Agostinho, toda a região "é de posse imemorial dos

indígenas", mas a convivência de índios e brancos implicou em perda para os primeiros. A insistência com que o cacique Ângelo, muito respeitado pelos índios, defendia os interesses de sua tribo, já o tinha colocado outras vezes no alvo dos brancos que se interessam pelas terras dos pancararés, o que vinha, inclusive, sendo denunciado pelo próprio Ângelo.

As pressões dos brancos contra os índios vinha aumentando de tal maneira que, recentemente, houve até a proibição da realização de rituais indígenas, além de ameaças de morte e tentativa de cobrança de impostos, dos quais os índios estão isentos. Tais pressões chegaram, há 4 anos, a provocar uma reunião entre o delegado da Funai em Recife, oficiais do Exército sediados na região, representantes dos índios e dos brancos e os antropólogos Pedro Agostinho e Carlos Alberto Cardoso. Na ocasião, foi firmado uma espécie de pacto de não-agressão, mas, logo depois, Ângelo foi ameaçado de morte. Resolveu, então, ir a Salvador pedir garantia de vida à Secretaria de Segurança Pública do Estado. Isso de nada adiantou, pois Ângelo foi ameaçado outras vezes, e o máximo que conseguiu foi um "porte de arma".

PROTESTO

Na nota oficial que distribuiu sobre a morte de Ângelo, a Associação Nacional de Apoio ao Índio Anai afirma que o fato "não se trata de um simples homicídio: é uma etapa a mais de um longo genocídio". O cacique, segundo a Anai, "era, realmente, um líder em sua tribo, e estava sempre evitando conflitos. Mas, apesar de moderado, Ângelo nunca se calava e sempre fazia virem à tona as ameaças que os brancos faziam a sua gente, o que o tornava um sério obstáculo às pretensões de expansão dos chamados civilizados".

A disputa pelas terras, na região, com a morte de Ângelo, pode, na opinião da Anai, transformar-se em "um confronto de proporções incalculáveis", especialmente porque nas casas dos brancos ainda se encontram muitas armas do tempo em que se combatia Lampião.

Para a Comissão Pró-Índio de São Paulo, o assassino de Ângelo é Antônio de Lino, branco, e, apesar dos prováveis mandantes ainda serem desconhecidos, "a responsabilidade maior cabe à Funai, uma vez que é omissa". Opinião semelhante é expressa pelo Cimi, que se declara consternado pela morte de Ângelo, "líder indígena que se destacou pela organização e resistência de seu povo contra a titulação ilegal de suas terras pelo governo da Bahia e a invasão dos latifundiários, acobertados pela polícia local".